

## TOLERÂNCIA: BERÇO DOS VALORES HUMANOS

Hoje, vamos abordar o tema tolerância. Atuo em escola que desenvolve com os funcionários, alunos e famílias o Projeto Cuidar, voltado para a saúde física e mental, ações de cidadania e desenvolvimento dos valores universais. Este ano, estamos trabalhando dentro do Projeto Cuidar, o Projeto Valores para a vida, cujo tema de setembro é a “Tolerância”. Fui, então, convidada pela direção a escrever um texto sobre o assunto. Sem nenhuma pretensão científica, com exceção dos próximos dois parágrafos, optei por não pesquisar em livros, internet ou revistas, pois, pretendo discorrer sobre o tema de forma a possibilitar a reflexão do leitor. Meu desejo também é que o texto sirva de base para os profissionais da escola e, por isso, faço questão que ele seja bem contextualizado com a realidade que vivemos e que é realizado por todos nós da equipe.

Começaremos, então, pela definição. Tolerância é um termo que vem do latim "*tolerare*", que significa suportar e aceitar algo que não se quer ou que não se pode impedir. A tolerância é uma atitude fundamental para quem vive em sociedade. Uma pessoa tolerante, normalmente, aceita diferentes opiniões ou comportamentos diferentes daqueles estabelecidos pelo seu meio social. Este tipo de tolerância é denominada "tolerância social".

O dia 16 de Novembro foi instituído pela ONU (Organização das Nações Unidas) como o Dia Internacional para a Tolerância. Esta é uma das muitas medidas da ONU no combate à intolerância e não aceitação da diversidade cultural. A expressão "tolerância zero" é utilizada para definir o grau de tolerância a uma determinada lei, procedimento ou regra, de forma a impedir a aceitação de alguma conduta que possa desviar o que foi previamente estabelecido. Por exemplo, na lei seca temos a "tolerância zero a motoristas embriagados". (<http://www.significados.com.br/tolerancia/>)

Na minha concepção, aceitar as diferenças e o jeito de ser de cada pessoa não é tarefa fácil, porque a tendência humana é querer conviver com pessoas que pensam e agem como nós. Ter uma atitude empática, ou seja, nos colocar no lugar do outro e entender porque ele age dessa ou daquela forma é uma atitude necessária se quisermos conviver em harmonia. Saber ouvir, acolher e abster-se de dar uma resposta em determinado momento são indícios de que estamos tendo uma atitude tolerante.

Na atualidade, percebemos o fenômeno da intolerância de forma muito mais acentuada, justificada por vários motivos:

- A globalização e todo o seu imediatismo- Queremos tudo para hoje, se possível, agora. Em poucos segundos obtemos uma informação, virtualmente podemos estar no ocidente ou no oriente ao mesmo tempo. Um bombardeio de ideias, de “compre isso”, “compre aquilo”, “aja assim”, “diga isso”...Tudo é descartável, inclusive

nossa saúde. Vivemos sob o domínio da mídia e sua ditadura. Não toleramos esperar o tempo certo para cada coisa;

- A perda dos valores universais- Compreensão, perdão, solidariedade, amor, paz, justiça, amizade, tolerância. São valores que a modernidade está deixando se perder com o tempo;
- O “eu quero”- Inerente à constituição humana, o “eu quero” prevalece na maioria das situações e, dessa forma, nos tornamos intolerantes ao “não” que a sociedade nos oferece;
- A nossa forma de ver o mundo- Para conviver em sociedade é preciso mudar as lentes com que observamos e refletimos sobre o mundo. As pessoas são diferentes de nós e quando nos vemos em situações nas quais não desejamos estar, nossa capacidade de entendimento do outro fica comprometida e então, julgamos severamente todos aqueles que não agem ou pensam como nós;
- Nossas experiências de vida- Nossa história e a forma como somos marcados por ela podem determinar nosso grau de tolerância ao outro e às adversidades da vida;

Cabe, aqui, uma questão: ser tolerante é qualidade ou defeito? Entra, nesse momento, boa dose de discernimento. Ser tolerante é uma virtude na medida em que nos posicionamos diante do outro e da vida. A tolerância promove a paz e a convivência social, porém, calar-se diante das injustiças e não colocar limite ao comportamento do outro retrata tolerância excessiva que podemos chamar de permissividade ou passividade. Importante, então, tratarmos da tolerância em diversos contextos.

Para convivermos em sociedade devemos ser bastante tolerantes. Nas grandes cidades, convivemos diariamente com o estresse advindo do mundo atual, que nos torna mais sensíveis e menos tolerantes. Assistimos a isso diariamente na mídia, violência e vidas ceifadas por falta de tolerância ao outro. No trânsito, brigas, xingamentos e, até mesmo, agressões pelo desrespeito à lei e/ou pela impaciência de esperar sua vez. Infelizmente, presenciamos isso diariamente, inclusive na porta de nossa escola, local esse voltado para a educação de crianças cujos adultos são exemplos. E a situação persiste, apesar das inúmeras orientações educativas que a escola oferece.

Na família, ser tolerante aos pais, aos cônjuges, filhos e irmãos exige que façamos um exercício considerando a faixa etária, certamente. Quem tem filhos deve, sim, colocar os limites adequados, porém, sem desconsiderar a imaturidade das crianças ou os rompantes da juventude. Quem tem pais, deve sim, expor o que pensa, porém, sem desconsiderar a experiência de vida que eles possuem e, muitas vezes, a senilidade relativa à idade. Falamos, então, dos conflitos entre gerações. Além disso, em família, devemos considerar o momento da vida de cada um: desemprego, excesso de trabalho, decepções amorosas, condições de saúde física e mental.

Para os cônjuges, a tolerância deve prevalecer ainda mais por serem o esteio da casa e exemplo aos filhos. O casal deve manter acesa a chama do amor, cultivando o namoro e cuidando um do outro. Em nossas orientações aos pais, muitas vezes conversamos com eles sobre a situação comum, que após se casarem, acabam se dedicando integralmente aos filhos e descuidando da relação marido/mulher. Um dia, os filhos seguirão seu rumo e o casal, olha um para o outro e, não se reconhece mais. Nesse caso, haja tolerância, paciência e amor para reconstruir os laços que foram rompidos.

No trabalho, quero me debruçar um pouco mais sobre o assunto, pois, pretende-se que este texto possa colaborar também com as relações interpessoais na escola. Ser tolerante aos colegas e superiores também nos exige um exercício de considerar a faixa etária, a experiência ou a in experiência de vida, o excesso de trabalho e as condições de saúde física e mental de cada um. Para nós, profissionais da educação, ter atitudes de tolerância é ainda mais fundamental, uma vez que trabalhamos com seres humanos e, principalmente, com aqueles em formação, as crianças. Dar exemplo de conduta e convivência harmoniosa é nosso dever. Se trabalhamos com os alunos, desde pequenos, os valores universais, o primeiro passo deve ser dado por todos nós, educadores, do porteiro à direção.

Todos os valores são importantes, porém, tenho a concepção de que a tolerância seja o berço de todos os outros. Atitudes tolerantes promovem a paz, a amizade, a compreensão, o respeito e propagam o amor entre a humanidade. Isso exige uma atitude racional de pensar antes de agir, pedir ajuda ao invés de reclamar, oferecer ajuda ao invés de julgar e sempre propor soluções ao invés de nos sentarmos na “cadeira da queixa”.

Uma equipe que trabalha de forma a se ajudar deixa no ar o perfume da solidariedade, irmã da tolerância. Percebo na escola que trabalhamos um clima de colaboração e de bem querer do outro. Não tenho a intenção de dizer que tudo são flores, afinal, como disse no início, cada um tem seu jeito de ser. E mais, cada um tem sua ética pessoal que reflete logicamente no trabalho. Então, enquanto psicóloga, juntamente com a equipe de apoio, trabalhamos as questões à medida que surgem, sem perder o foco que é a tolerância.

Ainda em relação ao trabalho na escola, consideremos a tolerância com os alunos e suas famílias. Desde o início do meu trabalho na instituição na qual atuo, há quase quatro anos, percebo que a tolerância e a empatia são inerentes ao trabalho dos professores e toda a equipe. Colocar-se no lugar de cada aluno e deparar-se com sua condição sócio-familiar é fundamental no processo educativo. Considerar também, como na família, as questões inerentes ao desenvolvimento infantil e a faixa etária em que se encontra esse aluno. Temos o cuidado de não individualizar as suas questões. Os professores trazem as situações de cada aluno e sempre são convidados a refletir: O que foi feito por ele em sala de aula? Quais estratégias foram utilizadas para ajudá-lo? Todos os recursos pedagógicos foram esgotados? Qual é a situação familiar desse aluno? Então traçamos ou mudamos as estratégias de forma a ajudá-lo. Na ausência de êxito, convidamos a família e esclarecemos que nosso objetivo não é simplesmente apresentar as dificuldades dos alunos, mas, estabelecer ou fortalecer a parceria em prol dos mesmos.

Através dessa atitude de tolerância, os pais relatam sentirem-se acolhidos e mais fortes para tratar das situações.

Para fortalecer a autoestima dos alunos não utilizamos mais com eles alguns termos como: **“Você perdeu a vez”**, que, com o tempo, torna-se obsoleto e não faz efeito; **“Você não está elegante”**, pois, não devemos fazer menção à pessoa do aluno, mas ao seu comportamento; **“Você não está dando conta”**, porque essa frase atribui ao aluno a ideia de que ele não é capaz de cumprir os combinados e faz o efeito contrário do que se espera. Nos três casos, é melhor lembrar os combinados, levar o aluno a pensar porque perdeu a próxima brincadeira ou atividade e deixá-lo ao lado do professor, amparado afetivamente. Antes de autorizá-lo a retornar ao grupo, refazemos com ele os combinados.

Tudo isso faz parte de uma atitude tolerante ao que cada aluno é capaz de oferecer, sem perder os parâmetros de limites necessários à boa conduta na escola. Os professores são orientados a se posicionar à altura do aluno, olhá-lo nos olhos e dizer o que esperam dele. Mostrar na fisionomia se gostamos ou não de suas atitudes. Em muitas situações em que julgamos necessário, o aluno é envolvido em um forte abraço afetivo que põe fim a sua inquietação. O professor convida o grupo a opinar sobre as atitudes de cada um, desenvolvendo assim, a consciência do que podem ou não fazer a partir do momento em que o colega torna-se seu espelho. O objetivo é que, a partir dessas atitudes tolerantes e respeitadas, os alunos sintam-se, desde pequenos, responsáveis por seus atos e, ao mesmo tempo, acolhidos e amados.

Em relação à tolerância com as famílias, agimos diariamente de acordo com as situações surgidas. Nossas atitudes vão desde um sorriso de acolhimento a uma conversa particular, à medida que se faz necessário. Comportar-se de forma ética e educada independente do comportamento dos pais conosco é uma orientação oferecida a todos os funcionários da escola. Procuramos entender a situação pela qual cada família está passando e tentamos conviver da forma mais harmoniosa possível. Estamos falando das relações humanas e, por isso não podemos tolerar desrespeito, críticas e falta de educação. A tolerância deve se tornar presente, não por prestarmos serviço às famílias, mas por sermos parceiros na educação do bem mais precioso, os filhos.

Por último, quero abordar a tolerância a nós mesmos. Dar o melhor de nós sempre, mas refletir sobre nossos limites e fraquezas. Estarmos atentos à nossa saúde física, mental e espiritual. Buscamos sempre harmonia na família, na escola e no trabalho, assim estaremos em paz e cada vez mais seres humanos melhores. Afinal, só podemos oferecer aquilo que temos, então, que todos nós possamos nos amar em primeiro lugar para que seja possível amar os outros. O resultado será um mundo cada vez mais tolerante e humano.

Imaculada Conceição Braga  
Especialista em Saúde Mental nas práticas contemporâneas  
Especialista em Psicopedagogia  
Setembro/ 2014